Homilia do cônego Wilson Mário de Morais, vigário-geral

3º dia da Semana Jubilar – 60 anos da arquidiocese

25º Domingo do Tempo Comum

Catedral metropolitana, Pouso Alegre (MG), 18/09/2022

Queridos irmãos e queridas irmãs, neste terceiro dia da semana jubilar preparando-nos para a celebração dos sessenta anos de criação e instalação de nossa Arquidiocese de Pouso Alegre, que "firme como árvore plantada a beira do rio dá fruto no tempo devido", somos convidados a celebrar e agradecer os frutos colhidos. Voltemos o nosso olhar agradecido para duas direções que podem orientar a nossa vida cristã, em busca da realização da nossa primeira e fundamental vocação, colocada no nosso coração no dia do nosso batismo: vocação a santidade, horizonte de toda a nossa existência e de toda a nossa ação evangelizadora. A primeira direção do nosso olhar é o rosto de Cristo, senhor Bom Jesus, contemplando as suas dores e suas glórias, rosto doloroso e ressuscitado. Diante dele colocamos a nossa vida e peçamos perdão pelos momentos que deixamos a graça de Deus passar em vão na nossa vida não produzindo frutos. A segunda direção é a realidade concreta onde vivemos, o nosso mundo, nossa arquidiocese, nossa paróquia, nossa comunidade.

Desde 1962, ano de criação e instalação de nossa arquidiocese, vivemos em uma civilização técnica, marcada pela conquista do espaço pelo homem. Triunfo alcançado pelo sacrifício de um ingrediente essencial de nossa existência que é o tempo. Gastamos tempo para ganhar espaço. Intensificar nosso poder no mundo do espaço parecer ser o nosso objetivo. No entanto, ter mais não significa ser mais. O poder que alcançamos no

mundo do espaço termina na fronteira do tempo. Mais o tempo é o coração da existência. Não podemos perder as aspirações no mundo do tempo para ganharmos poder no mundo do espaço. Há um reino do tempo em que a meta não é ter mais, mas ser mais, não possuir, mas dar, não controlar, mas partilhar a vida não vai bem quando a aquisição de coisas no espaço torna nossa única preocupação.

O tempo é o nosso maior desafio. Está além de nosso alcance, tanto perto quanto longe, é processo de criação. A criação é a linguagem de Deus, o tempo é o seu Cântico. Conquistar o espaço e santificar o tempo. A santidade do tempo veio primeiro, a santidade do homem em segundo e a santidade do espaço por último. O tempo foi abençoado por Deus, o espaço e o tabernáculo, foram consagrados por Moisés.

O tempo é a trilha da vida que percorremos. O que está presente, daqui há pouco deixará de ser presente para ser no passado uma lembrança. Cada dia que vem é futuro que hoje se torna presente e amanhã passado.

O tempo atual exige renovação de forças missionárias para cumprir a tarefa de anunciar a palavra de Deus. Vocacionada a evangelizar, a Igreja se volta para Cristo, e nele e por Ele, procura compreender a realidade em que se encontra e nela discernir caminhos para cumprir a tarefa missionária dele recebida. Precisamos de um discernimento evangélico e de um olhar missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo.

Tempo de jubileu. Tempo de pedir perdão. Tempo de celebrar. Tempo de agradecer. Tempo de louvar e bendizer a Deus por tantas vidas de leigos e leigas, religiosos e religiosas, diáconos, padres, bispos e arcebispos doadas na evangelização nesses 60 anos.

A Igreja, na sua missão de anunciar o Evangelho, é chamada a acolher, contemplar, discernir e iluminar com a palavra de Deus a realidade. Ela contempla a realidade a partir de uma condição específica: discipula e servidora do Cristo Senhor. Faz isso com um ardente zelo apostólico.

Nesse processo rápido de transformações, nessa cidade onde Deus habita, que é o mundo, a fé nos ensina que Deus vive em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos

Diante dessa realidade embaçada, a luz do Senhor se manifesta convidando-nos a não servirmos a dois senhores, Deus e o dinheiro e não colocarmos a nossa felicidade nas coisas que passam.

A página do evangelho de hoje nos apresenta uma parábola de Jesus que provoca em nós certa admiração, porque nos fala de um administrador desonesto que é elogiado. Através dela, o Senhor reserva-nos um saudável ensinamento. Inspirado em acontecimentos da vida cotidiana, a parábola fala de um administrador que está para ser despedido pela desonesta gestão dos bens do seu patrão e, para garantir o seu futuro, procura fazer um acordo com seus devedores. É sem dúvida um desonesto, mas astuto. O evangelho não nos apresenta como modelo a seguir na sua desonestidade, mas como exemplo a ser imitado pela sua habilidade previdente. Conclui a parábola "O senhor elogiou o administrador desonesto por ter agido prudentemente".

As parábolas de Jesus são sempre uma maneira simples de falar para pessoas sábias e uma maneira sábia de falar para pessoas simples. Através dessa parábola, Jesus nos apresenta uma série de advertências sobre a nossa relação com o dinheiro e com os bens desta terra convidando-nos a fazermos uma escolha. Na realidade, a vida é sempre uma opção: entre honestidade e desonestidade, entre egoísmo e altruísmo, entre bem e mal, entre Deus e o Dinheiro, entre a lógica do lucro e a lógica da partilha. Amar a Cristo e aos irmãos não pode ser algo acessório e superficial na vida de um seguidor de Jesus, mas a finalidade verdadeira e última de sua existência.

A vida do cristão exige a coragem de ir contra a corrente, de amar como Jesus, que chegou ao sacrifício da cruz. Por meio das riquezas terrenas, somos chamados a conquistar as riquezas eternas. A única maneira de fazer frutificar para a eternidade nossos talentos e capacidades pessoais, assim como as riquezas que possuímos, é partilhando com os irmãos, mostrando-nos bons administradores de quanto Deus nos confia. Opção fundamental que nós devemos fazer todos os dias de nossa vida: viver plenamente a nossa vocação: amar a Deus e aos irmãos, tendo consciência da

precariedade das nossas riquezas e utilizando as últimas chances para ganhar amigos para a eternidade. A fidelidade as necessidades do próximo é sinal de que somos fiéis ao projeto amoroso de Deus.

Na primeira leitura o profeta Amós nos adverte a respeito do vazio da riqueza procurada por si mesma, denunciando a injustiça institucionalizada, onde uns poucos têm tudo e quase todos tem quase nada. Com palavras fortes, ele critica um estilo de vida de quem se deixa absorver por uma busca egoísta do proveito de todos os modos que se traduz em uma sede de lucro, desprezo dos pobres e exploração de sua situação em próprio benefício. Nós devemos rejeitar com convicção tudo isso, abrindo o coração a sentimentos de autêntica generosidade, que, como exorta o apóstolo Paulo, na segunda leitura se exprime em um amor sincero a todos e se manifesta na oração. É um gesto grandioso de caridade rezar pelos outros. Em primeiro lugar, Paulo nos convida a rezar pelos que desempenham tarefas de responsabilidade na comunidade civil, uma vez de suas decisões tendem a realizar o bem, derivam daí consequências positivas garantindo a paz e uma vida calma e tranquila para todos. Portanto, nunca falte a nossa oração, contributo espiritual para a edificação de uma Igreja fiel a Cristo e à construção de uma sociedade justa e fraterna.

Queridos irmãos e irmãs, coloquemos a nossa vida diante da proposta de Deus feita a nós para sermos seus seguidores e procuremos estar sempre com ele para que sejamos um ramo vinculado a verdadeira videira e produzamos bons frutos, tonando nos cada vez mais parecidos com o mestre que nos chama, na vivência daquilo que nos identifica como seus discípulos, o amor, conscientes de que somos enviados a anunciar o Evangelho do Reino da Vida, animados pelo Espirito santo de Deus, tendo a certeza de que o discipulado e a missão são as duas faces da mesma moeda. Assim, continuaremos construindo a história de nossa arquidiocese, produzindo bons frutos.

Quando o nosso primeiro arcebispo, Dom José D'Ângelo Neto, comunicou ao povo a criação da arquidiocese pelo papa João XXIII, disse: Seja a presente distinção da santa Sé interpretada por todos como um convite a um zelo mais ardente pela causa de Jesus e como um apelo para uma contribuição valiosa ao esforço da Igreja em estabelecer para os homens um mundo melhor, iluminado pela fé, pacificado pela justiça e unido pela caridade.

Que São Sebastião, testemunha fiel da escuta e prática da Palavra de Deus, seja nosso intercessor junto ao Pai para que nosso olhar nunca se desvie da verdade que é cristo e nossa vida nunca deixe de cultivar uma espiritualidade de Comunhão tendo o olhar do nosso coração sempre voltado para a Trindade que habita dentro de nós e cuja luz há de ser percebida no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor como alguém que faz parte de nós vendo, antes de mais nada aquilo que há de positivo neles, acolhendo-os como dom de Deus, e aprofundando os espaços de comunhão em nossas comunidades eclesiais missionárias.